ANNO I — Ovar, 18 de Agosto de 1910 — NUMERO 49

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao "Regenerador Liberal„ — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) . . . . . 1$000 reis
Com estampilha (anno) . . 1$200 »
Brazil e Colonias . . . . . 1$500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Annuncios e communicados, 20 reis; repetições 10 reis. Annuncios permanentes, contracto especial.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

Casamentos... politicos

E' uma honra, uma subida honra ter nome nas assembleias da republicana gente, que *bota espeech* na impagavel ehorrivel «Patria» vareira. Sente-se logo aquelle que isso logra dignificado; podem crêr, dignificado. E' mesmo uma coisa assim á laia de milagre, por mais que a «Patria» d'isso descreia. Parece milagre. Mas para dois fins diversos costuma a «Patria» dignificar os nomes que cita. Para os louvar, exemplo: o Buissa, o Petiz das gravatas, o Tlim, etc., ou para os deprimir e insultar .. se pudér, como por exemplo... os seus adversarios.

A nós dignifica-nos, isto é, citanos a «Patria», segundo nos dizem, porque a não lemos para contar aos seus leitores o escandalo de nos... acharmos ligados ao «Jornal d'Ovar». Isso, essa descoberta é effeito da supina esperteza da «Patria». Esperta como um alho. Olé.

Mas supponhamos, que nós iamos agora na esteira das ideias do «Jornal» ou ella na das nossas. Que de extraordinario veria n'isso a «Patria»? Somos monarchico, terçamos armas pela conservação da monarchia. O «Jornal d'Ovar» não peleja tambem por causa diversa. O seu fim deve ser velar pela ideia monarchica, por entender como nós, que pela monarchia hade hoje batalhar todo o homem de bem, todo o bom patriota.

O nosso escopo é portanto commum, embora nos tenhamos mutuamente para o conseguir servido de meios diversos. Que de espantoso, se agora nos entendessemos sobre a escolha d'esses meios para o almejado fim, em que sempre fômos concordes?

O que espanta, porém, o que revolta pela hypocrisia que revela, pela indignidade flagrante de quem tal commette, é a união de republicanos com monarchicos. O que?!... Isto é a suprema das abjecções! Pois como podem republicanos fazer causa commum com monarchicos? Como podem elles auxiliar os negocios da patria para prestigio da dynastia, que desejam extirpar como coisa intrinsecamente má? Como? se não trahindo o seu ideal, enganando os seus correligionarios, burlando um partido inteiro onde ha com certeza alguma, pouca, gente séria e de boa fé?

E essa indignidade seria ainda mais espessa, essa hypocrisia mais indigna, se n'isto póde haver graus, mais abjecta, se os republicanos se unissem aos monarchicos para com palavras d'uma brandura perfida, com o proposito expresso de os auxiliarem, traçassem assim, traiçoeiramente a sua ruina, a sua destruição.

Em todo o caso sempre espantosa, sempre abjecta, sempre indigna de bons caracteres a juncção de republicanos com monarchicos em politica.

Ora é isso precisamente o que hoje se dá em Portugal. Os republicanos são unha e carne com o governo; estão ligados por pactos secretos n'uma colligação monstruosa que indigna toda a gente séria e honrada. O governo trata-os como correligionarios dedicados, distribuindo-lhes postas, nomeando-os para logares de confiança. Colloca-os á frente da auctoridade em muitos concelhos por esse paiz fóra. Por sua vez os republicanos adulam-no, lambem-lhe o sapato brochado de transmontano, trazem-no nas palmas, que só põem no chão para erguer os cascos quando se senta nas cadeiras do poder algum governo patriotico. Os republicanos e o governo internessem-se mutuamente com gaudio da dissidencia que é o traço d'união entre os dois.

Esta affronta ao paiz monarchico dá-se hoje em Portugal e ninguem se espanta! Só se espanta a «Patria» que nós os combatamos, nós os monarchicos de todas as facções, ligados n'um protesto de puro amor patrio. Espanta-se de que os nossos votos se unam na eleição da élite intellectual, que nos ha de representar em côrtes. Espanta-se de que nós os monarchicos de todos os matizes nos unamos á bôcca da urna para bem da monarchia, isto é, da nação. Somos monarchicos. Combatemos de commum accordo pela monarchia. Aqui não ha traições, não ha transigencias indignas, não ha hypocrisias abjectas.

Se nos perguntarem por quem nos unimos diremos que pelo nosso ideal: a monarchia e a patria. Os republicanos já assim não podem responder. Se lhe perguntarem por quem se unem ao governo, hão de tergiversar na resposta, que não poderá deixar de ser uma mentira mais transparente que o crystal.

Pesadêlo governamental

O periodo eleitoral aproxima-se, e a sua presença longe de dar ao governo dias felizes, e socegados (o que era de esperar, visto a maneira altaneira e orgulhosa com que se apresentava, como sendo um partido organisado sob bases fortes e seguras, um partido elevado aos conselhos da corôa pela opinião publica com o que enchia a bocca) dão-lhe pelo contrario, e pela simplissima razão de ser um partido reduzido e moralmente perdido no conceito da população sensata e justa, muitos amargosos bocados e uma constante inquietação que dia a dia mais acentuadamente se vem manifestando na sua imprensa; ainda ha bem pouco tempo, e hoje mesmo, arrogante, atirando aos quatro ventos basofias fôfas, d'um partido que diz ter ao seu lado toda a opinião publica, e a maior força eleitoral que jámais se viu.

No entanto o terror avassalou por completo o partido representado pelo Snr. Teixeira de Sousa, e isso bem o demonstram as violencias e arbitrariedades a que temos assistido n'estes poucos dias já, em que Sua Ex.ª tem pisado o palco governativo.

E senão vejamos as nomeações escandalosas, as transferencias arbitrarias, as demissões e repressões a que sugeita os funccionarios publicos, as promessas de centenas de contos de reis que não pode satisfazer, e que são outras tantas monstruosas elegalidades de que indubitavelmente Sua Ex.ª terá a maxima responsabilidade, e que em altura competente lhe será exigida.

De todos estes atropelos serão pedidas severas contas aos delinquintes segundo affirmam d'uma maneira positiva e clara os jornaes dos partidos que formam a colligação.

A força eleitoral do bloco d'uma grandeza que o Snr. Teixeira de Sousa parece não querer admittir, ha de provar d'uma maneira assombrosa a sua enorme e formidavel votação no proximo dia 28 do corrente.

Não lhe poderão valer as violencias, as perseguições, as ameaças e os demais processos que o governo vem dia a dia promettendo para coartar o direito legitimo do voto individual porque ha independencia sufficiente para n'esse dia mostrar a facção politica representada no poder, que á força e á bordoada, já não é processo para legitimamente n'um direito que a todos assiste votarem em quem muito bem entenderem; e nesse dia veremos o governo recuar aterrorisado para fugir a uma derrota formidavel, que será a sua morte certa e inevitavel o que jámais terá acontecido e virá registado nos annaes da historia politica do nosso paiz.

E nem outra solução é de esperar.

O terror governamental é tão manifestamente provado que já dão por barato que o bloco eleitoral traga ao parlamento uma continha calada de deputados que Sua Ex.ª não poderá sonegar-lhe, (muito embora para isso tenha feito e faça as maiores diligencias até hoje cahida por base e sem resultado, antes pelo contrario com as suas violencias, parece andar a favorecer o bloco) contentando-se o Snr. Teixeira de Sousa apenas, (que vergonhosa expectativa) de trazer 8, 6 ou 4 deputados de maioria, o que é sem duvida alguma uma crassa vergonha para um partido que diz ser numeroso e invencivel.

E não julguem os nossos leitores que são hypotheses que nós formulamos; não, são os proprios jornaes governamentaes que conscios d'uma derrota eleitoral o dizem transidos de terror e receio que elles reconhecem ser bem fundado.

Chega mesmo a inspirar commiseração o estado em que se encontra a imprensa governativa, e tão conscientes estão d'uma queda desastrosa que será a sua morte, que ainda agarrados á barcassa governativa lançam já ataques formidaveis ao governo que lhes succeda, que ainda se não sabe quem seja e que tantos suores frios lhes estão a inspirar.

E' ou não caso para haver uma tanta ou quanta commiseração para o seu estado desolado e verdadeiramente fallido?

Pois se o bloco nada vale, não tem prestigio, não tem força, não tem eleitores sufficientes para eleger 10 ou 15 deputados como arrogantemente affirmam; para que é tanto terror, tanta perseginção, tanta violencia e tanta promessa, que são a prova clara e evidente d'uma absoluta falta de forças, e de um não menos absoluto e incorrecto procedimento por parte do governo?

Isto são nem mais nem menos do que o resultado dos accordos e promessas feitas por ahi publicamente com os inimigos das instituições, e por essa razão não tem o Snr. Teixeira de Sousa que extranhar, que, n'um grupo só se reunam todos os sinceros e devotados monarchicos, para lhe dar batalha encarniçada, e fazer valer os seus direitos de monarchicos sinceros e leaes á patria e ao Rei.

No dia 28 do corrente saberá então o governo quaes as consequencias desastrosas que lhe estão preparadas, e que certamente a Sua Ex.ª não são já desconhecidas de todo.

Pena é que essas vergonhas tão publicamente se vão mostrar no dia 28 do corrente e o governo as não evite.

São fados que se têm de cumprir.

Pombal.

J. d'A. Pessôa.

EXPEDIENTE

Avisamos os nossos presados assignantes de que vamos proceder á cobrança do 2.º semestre.

Esperamos que a sua boa vontade em nos auxiliarem nesta lide pelo bem d'uma terra tão carecida de energias e abnegações que a engrandeçam como merece, d'um paiz tão abatido pelo banditismo politico sem escrupulo nem brios, esperamos de todos, repetimos, que a sua boa vontade de nos auxiliarem evitará a devolução dos recibos e que nos sobrecarreguem novas despesas de segundo aviso.

Desde já nos confessamos muito obrigados.

---

(20) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS DO

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

E, immediatamente, arrebatando a canastra das mãos da irmã, Clara correu a collocar-se no caminho do velho conego, quando este proseguia no seu feirado.

— Muito bons dias, meu padrinho, deite-me as suas bençãos.

— Tu por aqui, Clarita? Deus te abençôe, rapariga. Então que fazes tu?

— Sou muito pouco afortunada, meu padrinho. Sabe?

— Sim, pequena? Então por quê? Não encontraste noivo ainda?

— Ora! Está a brincar. Não é isso.

— Então?

— Trago á feira uma canastra cheia de fructa, e ainda não encontrei compradores.

— E o defeito é da fructa, ou de quem a vende?

— Ha de ser de quem a vende, que lá a fructa... essa boa é.

— Boa, sim; mas cara...

— Ora essa! meu padrinho. Nós cá não somos mais do que as outras. Vendemos pelo mesmo preço que ellas vendem.

— Ora deixa cá vêr a fructa. Então quanto queres tu por isso? Um dinheirão.

Este exame era simplesmente por formalidade, pois o conego tinha resolvido, de si para si, ser o feirante de toda a fructa, embora fosse dura como pedra, e cara como açafrão.

— Se fôr para o meu padrinho, o que quizer—respondeu Clara.

— Está bom. Não é má de todo. Passa-m'a ahi para a canastra do criado, emquanto eu faço contas.

E, ao passo que a afilhada cumpria a ordem recebida, elle mexia e remexia nos bolsos do collete, d'onde tirou não sei que moeda em ouro, que quadruplicava o preço da fructa, e passou-a para as mãos de Clara, dizendo:

— Ahi tens; o que crescer é para um lenço.

— Então muito obrigada, meu padrinho. E deite-me as suas bençãos.

— Vae com Deus, rapariga, e faze visitas á tua gente — respondeu o conego, dando-lhe a mão a beijar.

Clara voltou a correr para junto de Margarida, bradando-lhe:

— Vê, vê, não te afflijas. Fructa vendida, e uns crescimos para tremoços.

Margarida agradeceu-lhe com um olhar, orvalhado de lagrimas de gratidão.

Assim continuou este viver por muitos annos mais, até que a mãe de Clara adoeceu. Durante a molestia, foi Margarida desvelada e incansavel enfermeira, colhendo sempre, em paga dos seus carinhos, modos rudes e asperos, expressões inequivocas da aversão que nunca deixára de sentir por ella. A heroica rapariga não afrouxava por isso na affectuosa caridade com que a tratava.

A doença aggravou-se, e a morte foi declarada inevitavel.

N'este momento solemne, como que se abrandou o coração e fallou a consciencia da moribunda, mostrando-lhe a injustiça do seu procedimento para com Margarida.

A' hora da morte chamou-a junto de si, e, apertando-lhe as mãos, disse-lhe entre soluços:

— Guida,—pela primeira vez lhe deu este nome affectuoso — perdôa-me! Deus alumiou-me o espirito. Só agora conheço a minha maldade e as tuas virtudes. Perdôa-me, minha filha, e sê generosa até ao fim. Clara fica só, é ainda muito creança. Lembra-te que ella é tua irmã, aconselha-a, e estima a, olha-me por ella. Perdôa-lhe o ser filha de.. tua madrasta.

Foram as derradeiras palavras que disse.

Margarida caiu, suffocada de chôro, junto do leito da morta. Não lhe restava no coração a menor sombra de resentimento contra aquella que a fizera tão infeliz. Eram sinceras, como poucas, as lagrimas d'esta orphã.

Passado tempo, sentiu que um braço a levantava. Voltou-se: era o reitor que olhava para ella commovido.

— Muito bem, Guida, muito bem! — exclamou o velho com enthusiasmo. Essas lagrimas são generosas, são verdadeiras joias da tua boa alma. Ellas devem ser de grande allivio para a d'aquella, cujo maior peccado n'este mundo foi o muito que te fez padecer.

E d'ahi por diante ficou o reitor tendo em subido conceito a Margarida.

IX

Depois da morte da madrasta, a sorte de Margarida tomou uma feição mais favoravel.

Vivendo na companhia da irmã, nunca mais teve de supportar aquellas humiliações continuadas, que a faziam córar.

Antes, no modo por que era tratada em casa, parecia ser ella a senhora de tudo, e Clara a que recebia o beneficio; contra estas appa-

AGUILHADAS

Cerveja governamental

O *Mundo* do França, a gazeta do distincto Borges da Margarida, fazendo a reportagem republicana do comicio republicano representado ha dias em Salvaterra diz assim:

«O sr. Ignacio Rebello Andrade, administrador, convida os oradores a tomarem cerveja em sua casa, pois conta entre elles alguns amigos. O convite é acceite e, após curta demora em casa d'este senhor, seguiram em automoveis para Coruche».

Vão os republicanos a Salvaterra dar marmeleiro na monarchia e fazer propaganda eleitoral a favor do... governo, e o sr. administrador offerece-lhes cerveja que nos vae sair pela torneira dos addiantamentos! Se fosse a Ovar que os republicanos viessem discursar o que lhe daria o nosso administrador?

Cerveja de pipa no alto do Picôto, quem sabe!

A "Patria„ arreliada e .. malcreada

Disseram-nos, porque não lemos, e não lemos desde que reconhecemos a insensibilidade lombar da *Patarata*, que esta não gostára da excursão organisada pelo *Regenerador Liberal* a Coimbra. Os gostos são relativos. Pois nós gostámos da excursão projectada a Braga pelos casacas da *Patria* e companhia... hybrida.

Quem ganhava era a Misericordia... e isso era motivo sufficiente para não desgostarmos.

Quanto á importancia que deu ao *carro-reclamo* e ao outro carro fechado que o acompanhava, isso não tem importancia alguma desde que a liberdade, como deve querer a *Patria*, não é um funil. Que o reconhecido irresponsavel da *patarata*, de cujo *desmiolo* saiu a prosa cachetica da *parelha* e que tem vindo compromettendo a ideia republicana em Ovar, ande de pé ou a cavallo no rabo d'uma vassoura; que ande em cima d'um caleche de bigodes fartos e panamá conquistador ou encaixado nos varaes d'uma carripana a morder o pó das estradas, com isso nada temos.

O que devemos ter é vergonha de dar importancia d'uma aguilhadella a um desiquilibrado mental que não tem bem estabelecida a corrente entre o cerebro e a lingua e entre a lingua e o bico da sua penna cheia de graça.

Duches, e banhos d'agua fria por essa cabeça abaixo, sr. auctor da *parelha*, é o que precisa.

Beneficencia escolar

Recebemos do sr. Dr. Pedro Chaves uma carta sobre os casos e factos dados no theatro por occasião da festa escolar. Pela nossa parte dissemos da nossa justiça. Se intende aquelle sr. dever pedir satisfações ás pessoas melindradas, que o faça como intender.

Os factos deram-se e nós fomos echo d'elles. Foi o nosso dever. Não publicamos a carta por termos abundancia de original.

DE CAVACO

—Até que em fim, meu diabo, sempre vieste, sempre chegaste, sempre te encontrei. Tens feito uma falta tremenda, homem. Tenho passado uma vida de frade trapista desde que, com a tua saida para as Aguas, me prendeste a taramella. Conta-me lá isso, homem. Dize das tuas impressões! Anda.

—Que impressões queres que te dê. Passeei, vi, gosei, ri, comi e bebi e paguei, paguei, paguei sempre por toda a parte. Quem anda em passeio não declina, a todos os instantes, senão o verbo pagar.

—Nesse caso todos os portuguezes andam em passeio, porque não conjugamos outro verbo senão o verbo pagar. Pagamos, pagamos pagamos sempre ao governo e aos ladrões do governo, a agua que se bebe na fonte e no vinho, a roupa que nos veste, o ar que respiramos nesta patria infeliz; que até para nascer é preciso ter sorte. Se nascessemos na Allemanha, na Inglaterra, na Suissa, no Japão, mesmo, talvez não tivessemos de pagar tanto nem a divida publica, relativamente, seria tão grande como a nossa.

—Mas olha lá. Hoje estás um pouco pesado, pesadote, nas tuas impressões politicas.

—Pois se te parece. Numa terra de malfeitores, de intriguistas, de comedores, de ladrões, de judas perfidos que se vendem e vendem a patria por um pataco falso, não se póde olhar para tudo isso senão de lagrima ao canto do olho.

—Pois eu venho radiante; gastei, lá isso é verdade; mas vi, gosei, apreciei, admirei.

—Então por onde andaste?

—Fui a *Pedras Salgadas*, passei lá uns dias. E' bonito. O comboio da Regua-Vidago é bom; a paysagem é variada e bonita, cortada de montes, precipicios, pinheiraes e campos. Mas a via ferrea é direita como uma linha num bolso. A gente anda com a cabeça ás voltas...

—Estiveste em Vidago?

—Algum tempo. Aquillo é uma babylonia. Vestidos de seda, chapeus--sombrinha, chapeus--caçoila, chapeus-açafate, chapeus-derrubados, chapeus-arrebitados; botinhas de lona branca e tacão alto, braços de esmalte, sem pó d'arroz; olhos pretos, olhos garços, olhos castanhos, olhos azues, olhos sombrios, olhos risonhos a esmaltarem o vertice de narizes variados, rombudos, aguçados, chatos ou de papagaio; labios descorados de poetisas sonhadoras, labios febris de mulheres ardentes; tudo isto, como uma onda desabrida, formava a grande colonia feminina de Vidago. Atraz d'esta onda da contradição social, caía o olhar sombrio ou lubrico da besta humana, divorciada do trabalho, que se chama o homem civilisado. Este divinisa a trindade augusta da sua religião: o dinheiro, o ventre e o prazer.

—Cáspité. Falavas do meu estado macambusio e pesado, e tu saisteme um Epicteto de trez assobios.

—Qual Epicteto, qual carapuça. E' isto, homem. O mundo é assim.

—E' tarde, temos estado para aqui a palestrar sobre cousas amorphas e... de eleições nada. Quando te ouvi fallar em Pedras e Vidago, esperava que trouxesses á baila o medico das Pedras e o homem do Hotel de Vidago; e tu, moita.

—Olha, sobre isso muito tenho que contar-te. Disseram-me d'esse Teixeira dos addiantamentos, mesmo nas barbas de Vidago, coisas do arco da Velha.

—Então para a semana has-de despejar tudo cá para fóra.

—Sim, para a semana ou quando quizeres.

—Mas afinal votas no Teixeira de Souza, no governo, no administrador d'Ovar, ou em algum grupo da colligação monarchica?

—No administrador? Essa é boa. Se eu fosse teixeirista devia perguntar quem era o chefe do partido do Teixeira cá em Ovar. O administrador, alem de não ter voto em materia... eleitoral serve simplesmente para respeitar e fazer respeitar a auctoridade e mais nada.

—E para dar ordens aos soldados que vierem *ganhar as eleições* ao nosso concelho...

—Lá isso é verdade; o peor é o resto.

—Deitar no governo é effectivamente deitar nos republicanos. Deitar nos republicanos é deitar no Bernardino *presidente* da Republica portugueza.

—Ou no Teixeira de Sousa, Escariotes d'el-rei D. Manoel, futuro presidente da republica lusa e *futurissimo* negociador das colonias portuguezas com a Inglaterra ou Allemanha.

—Tudo póde ser.

—Lá isso póde. Até pode ser tambem que os soldados do 24 do Faz Poeira tenham mais força eleitoral em Ovar que os proprios vareiros!

Consorcio

Ha dias realisou-se em S. Vicente de Pereira, Ovar, o casamento do nosso bom amigo Antonio Serafim d'Oliveira, com a menina D. Palmira da Fonseca e Pinho, dilecta irmã do Rev.mo Padre Fonseca e Pinho. Vindo ha pouco do Rio de Janeiro, onde residiu longo tempo e onde possue ainda casa de negocio, para lá voltará em breves mezes o sr. Serafim, acompanhado de sua esposa.

Ao noivo, que tão bellas qualidades de caracter e illustração possue e á gentil menina D. Palmira, desejamos-lhe um futuro auspicioso e uma lua de mel sem fim.

O Lactario

Já ha tempos aventamos a ideia da implantação d'um *Lactario* n'esta villa principalmente na epocha dos trabalhos na costa do Furadouro e cultivo das terras.

O fundador da Misericordia em Ovar, o fallecido e benemerito Dr. Francisco Baptista Zagallo, acolheu logo com todo o carinho e sympathia a nossa ideia Enviou-nos por essa occasião a força da sua vontade, promettendo-nos auxiliar n'esta obra.

Hoje, desastradamente para o futuro da nossa terra, não pertence já ao numero dos vivos aquelle illustre filho d'Ovar.

No entanto lá vamos hoje apresentar ao coração dos nossos patricios a fundação d'um *lactario* n'esta villa.

Para principio d'essa obra de beneficencia temos em nosso poder o saldo de 14$625 reis que resultou da excursão que promovemos a Coimbra no dia 7 de corrente e do Bôdo da Paschoa.

E' pequena, é pequenina, a quantia de 14$625 reis, que temos em nosso poder para dar principio á obra do *Lactario*.

Ainda não temos casa idonea para isso.

Esperamos, para breve, poder dar noticia da rua e do edificio destinado ao *Lactario*.

Para esse fim projectámos fazer um bazar, cujo dia não podemos marcar por emquanto; desde já pedimos a todas as pessoas caridosas o favor de nos auxiliar com qualquer donativo, por pequeno que seja, quer em dinheiro quer em roupinhas, berços e outros objectos destinados á infancia.

Sobre a maneira de funccionar o *Lactario* fallaremos no n.º seguinte.

Os nomes das pessoas subscriptoras sairão no nosso jornal, por inteiro ou sob o pseudonimato, quer essas esmolas sejam pecuniárias ou em objectos, berços ou roupas.

Subscripção

Da Excursão a Coimbra	14$200
Resto do Bodo dado aos Pobres na Paschoa	425

Nota: Todos os donativos, bercinhos, roupas, etc., poderão ser entregues em casa do sr. Antonio Augusto d'Abreu, á Rua do Seixal.

«Flôr do Tamega»

Temos recebido este nosso distincto collega, que se publica em Amarante, sob a direcção do ex.mo snr. Barreto Sacchetti, vulto importante do partido Regenerador Liberal. Agradecemos. Agora veiu-nos o seu supplemento ao n.º 1234 com o discurso do snr. conselheiro Martins de Carvalho pronunciado no centro do 1.º bairro de Lisboa no dia 3 do corrente. Foi um optimo serviço o que o nosso presado collega acaba de prestar ao partido e á patria e uma homenagem merecida ao auctor.

Chronica theatral

Roupas finas em corpos grossos não ficam bem. Era o que pensavamos no sabbado ao vermos pisar o nosso minusculo palco a figura magistral de Pato Moniz encartada no rei do theatro londrino *Kean* em quem dumas encarnára toda a bohemia dos saltimbancos de Schakespeare, toda a violencia de Hamlet, toda a grandeza dos heroes de Carlile.

Dumas no *Kean* traduz toda a verdade crua da vida theatral com os fulgores da gloria d'ouropel e com as attribulações mesquinhas que torturam o talento, em lucta aberta com a desgraça e com a miseria.

Pato Moniz é um artista quasi consummado. Tem tamancas para chegar ao talão dos Rosas e Brazão; é questão de tempo e gosto.

Maria Falcão, no *Kean*, encarnou devidamente o papel da mulher apaixonada e resignada que trazia crystalisada no coração a imagem do grande actor londrino. Adelia Pereira, no papel diplomatico que desempenhou, como mulher, perante a *corte* que lhe fazia o Principe de Galles, andou com a maxima naturalidade.

Pena foi que a galeria estivesse á lareira ou na taberna e que os camarotes, no sabbado, ficassem deante do espelho a deitar o pó d'arroz para dar o passeio no domingo a casa das Donas Fulanas e das Donas Cicranas.

No dominga felizmente não se deu o mesmo. Os camarotes cheios. O gallinheiro nu, a principio; a meio das *Rosas de todo o anno* o compadre e meia duzia de companheiros vieram prehencher a lacuna discordante.

Julio Dantas nesta soberba joia litteraria, *Flores de todo o anno*, traduz o coração humano, com aquella fidalguia e sentimento que na *Ceia dos Cardeaes* se vê. Adelia Pereira, no papel de freira, é exemplar de verdade e sentimento. O coração humano revela-se ali com toda a grandeza e verdade. A chamma do amor continua a arder debaixo do habito negro de religiosa e a imagem do homem amado debaixo da imagem de Christo, não traduz a hyoocrisia, revela a dor e a saudade do passado abafada no compungir acervo do presente. Julio Dantas é um mestre e os interpretes do escripor são verdadeiros artistas.

Nos vinte dias á sombra, fina ironia á vida pagã de Paris no tempo actual e á leveza d'espirito da França, entremeada de lances criticos e picarescos, Pato Moniz é egualado, senão mesmo ultrapassado, por João Gil (Tronille) que entretem a gargalhada entre toda a assistencia. João Gil, vendedor de jornaes nas ruas da Babylonia moderna, encarna-se em casa do Conde de Merville, conquista a sympathia de todos, excepto do proprio conde, e já velhinho, é olhado com carinho por toda a familia. O papel de bebedo que desempenha saiu com mestria e natu-

---

rencias só a sua modestia protestava.

Clara possuia um coração excellente, mas faltava-lhe cabeça para superintender nos negocios da casa; por isso pedira a Margarida que os gerisse ella e lhe deixasse ir gosando a appetecida liberdade dos seus dezoito annos.

O parocho, que ficára tutor das duas orphãs, sanccionou e dirigiu com os seus conselhos esta disposição de coisas.

Mas um tal systema de viver não podia bastar por muito tempo a Margarida. Havia no caracter d'esta rapariga um fundo de dignidade pessoal que lhe não deixava aceitar a vida placida, que cordealmente a irmã lhe talhára.

Habituára-se muito cêdo ao trabalho e com elle contava.

— Se o desprézo agora — dizia ella a si mesma, pensando n'isto — quem sabe se um dia, ao procural-o, elle me fugirá?

Sentia-se joven, com forças e coragem; envergonhava-se da ociosidade. Entre os projectos, que formou então, um lhe sorria sempre mais que todos.

Margarida tinha uma educação pouco vulgar para a sua condição. Varias circumstancias haviam gradualmente concorrido para lh'a aperfeiçoar. Daniel fôra, como sabemos, o seu primeiro mestre, e, quando outra razão não houvesse, as saudades que a vista e a leitura dos livros ainda lhe causavam, lembrando-lhe aquelle tempo, leval-a-hiam a procural-os com prazer. Seguira-se a Daniel o reitor, conforme ao que promettera ao discipulo. Vendo o padre a inclinação da sua pupilla para a leitura, fazia-lhe, de quando em quando, alguns presentes de livros, depois de os passar pela critica dos seus rigidos principios moraes, e julgal-os salutares. Margarida lia-os com ardor, e, pouco a pouco, costumou-se a lel-os com reflexão tambem. Não sendo muito abundantes as bibliothecas da terra, era obrigada a reler, mais do que uma vez, os mesmos livros — o que é sempre uma vantagem para a instrucção colhida n'elles.

Além do interesse crescente que ia encontrando na leitura, um motivo mais occulto lhe alimentava esse ardor — motivo que ella propria quasi ignorava, ou pelo menos não dizia a si. — Como que d'esta fórma se aproximava de Daniel. Das duas intelligencias de creança, que se tinham visto a par, como duas aves que brincam na relva, uma levantára vôo e subira; que admirava que a outra, saudosa, ensaiasse as forças para a acompanhar? para, ao menos, a não perder de vista de todo? Ha d'estes motivos occultos das nossas acções, que passam desconhecidos.

O que é certo é que a sêde de saber devorava Margarida. O habito da meditação, que adquirira, permittia á sua intelligencia tirar grandes riquezas da pequena mina em que trabalhava.

Um acontecimento favoreceu ainda estas tendencias.

Um dia, acolheu-se á aldeia, a viver vida de privações e de miseria, um d'estes desgraçados, a quem as ondas do mundo arrojam naufragos e quebrantados á praia. Era um homem, que, saindo creança ainda, d'aquella mesma aldeia, entrára, sob os sorrisos da sorte, na vida das cidades. A instrucção, a riqueza, as honras, tudo o rodeiára do prestigio que parece assegurar a felicidade. Se elle a sentiu então, não o sei eu; — um dia, porém, como o Job da Escriptura, viu a mão da desgraça baixar sobre a sua cabeça, prival-o das riquezas, da dignidade e da familia, e deixal-o só; só, ao declinar da vida, só, quando já não ha no coração fogo para alimentar esperanças; vigor no braço para arrotear caminhos novos!

Este homem sacudiu então a poeira dos seus sapatos á porta das cidades, onde sonhára meio seculo, e veio, tendo por unico arrimo a consciencia, procurar o tecto que, nú, o abrigára na infancia e quasi o recebia na velhice, como de la saíra, — tecto que nem já era seu.

E' uma historia vulgar a d'este homem. Insistir n'ella seria contar ao leitor coisas sabidas.

A quem reservará a sorte o privilegio de ignorar uma historia assim?

Era, pois, um desgraçado. Isto bastava para que, ao seu lado, visse, olhando-o compadecido, o rosto de Margarida, e, animando-o, os sorrisos de Clara.

O infortunio chamou, para junto do leito de miseria d'este velho desanimado, estas duas mulheres. Ao lado de todas as cruzes apparecem d'estes vultos compassivos.

Com que havia de recompensar a devoção heroica de duas juventudes á velhice empobrecida, quem nada tinha que dar?

Não lhe exigiam ellas a recompensa, é certo; mas pedia-lh'a a alma.

Dos amigos, que tivera, só lhe restavam quatro; e esses lhe valeram. Eram quatro livros...

Talvez os leitores já estivessem imaginando que este homem trouxera ainda quatro amigos para a adversidade, sem serem livros. Custa-me desenganal-os; mas não trouxe.

Foi n'estes livros que Margarida encontrou novos alimentos para a